

Contec quer influenciar na negociação

“Entre os grandes bancos credores, há quem já aceite o plano de refinanciamento da dívida brasileira, desde que o Brasil eleve o pagamento previsto de 1,16 bilhão de dólares no próximo ano e 980 milhões dos juros da dívida elegível (anterior à crise de 1983) para 2 bilhões de dólares ao ano, o que é praticamente o mesmo montante estimado para 1993 e 1994”.

A informação é do presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de crédito (Contec), Lourenço Ferreira do Prado, que encontrou-se ontem, em Washington, com o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Michel Camdessus. Prado participa de encontro da Federação Internacional de Trabalhadores Técnicos e Profissionais (FIFT), que reúne representantes de 30 países com o FMI.

Através do movimento sindi-

cal, as entidades representativas dos países devedores querem influenciar nas negociações da dívida externa. No encontro com o diretor-gerente do FMI, Prado pediu que a instituição exija a inclusão de metas de avanço nas áreas de saúde, educação, emprego, seguridade social e combate à miséria, no programa brasileiro. Hoje o presidente da Contec participa de encontro com o presidente do Banco Mundial, Barbe Canable.

A Contec, que representa cerca de 800 mil bancários, critica o fato do FMI continuar a ignorar a necessidade de programas de ajustes econômicos que contemplem a retomada do crescimento, a queda consistente da inflação e a recuperação dos investimentos. Critica, também, a preocupação exclusiva do Fundo com o pagamento aos bancos credores, “sem analisar as implicações sociais e políticas do ajuste.

A Contec chama a atenção para o fato de que tanto no que se refere a dívida com os bancos privados quanto na dívida junto ao Clube de Paris (a proposta já foi apresentada informalmente ao presidente da instituição, Jean-Claude Trichet), o Brasil só busca o fôlego de dois anos na renegociação e destaca: “O Brasil pagou, na última década, 139,69 bilhões de dólares de serviços da dívida 94,07 bilhões de juros e 45,62 bilhões de amortização do principal. Para esta década, de 1991 a 2000, os pagamentos previstos atingem 109,17 bilhões de dólares. Para o quinquênio 2001 a 2005, a previsão de pagamentos é de 129,07 bilhões de dólares”.

“Com o reescalonamento de longo prazo”, revela estudo da Contec, “aumentará a parcela dos bancos no total do endividamento brasileiro de 65,34 por cento, este ano, para 70,45 por cento, em 1996;